

**Comentários a um trecho do artigo “Caçadores de mitos”
publicado por Diogo Sponchiato na revista *Veja*, No. 2852 de
4/8/23, pp. 68 e 69**

Valdemar W. Setzer

Prof. Titular Sênior, Depto. de Ciência da Computação, Instituto de
Matemática e Estatística da USP, membro da Academia de Ciências do
Estado de São Paulo e da Sociedade Antroposófica no Brasil

Esta versão: 4/8/23

O artigo de Diogo Sponchiato é uma resenha do livro *Que bobagem: pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério*, de Natália Pasternak e Carlos Orsi (São Paulo: Contexto, 2023).

O trecho a ser comentado é o seguinte, à p. 69 da citada edição da *Veja*:

“[...] Não há como negar, porém, que algumas discussões precisam ser pautadas, inclusive porque práticas como constelação familiar e antroposofia, oferecidas pelo SUS, vão na contramão da psicologia e da medicina baseadas em evidência, e teriam, em sua origem, pressupostos machistas e racistas, como pontuam seus autores.”

A acusação de a antroposofia ter “pressupostos machistas e racistas” é totalmente infundada. Tanto no artigo do Carlos Orsi, publicado na revista *ICQ* do Instituto Questão de Ciência de 1/5/22, quanto no capítulo “Antroposofia” do livro *Que bobagem!* fica patente que o Orsi do artigo e, depois, ele e a Natália do livro, não conhecem um mínimo da antroposofia, o que eu poderia provar, e se basearam em opiniões publicadas anteriormente por detratores.

De início, é importante saber que a antroposofia é uma cosmovisão espiritualista, o que faz com que vários materialistas a ataquem, em geral com argumentos totalmente infundados. É interessante observar que a física não sabe o que é a matéria no seu nível atômico. Os modelos matemáticos da física quântica, que modelam o comportamento de átomos muito simples, são incompreensíveis. O elétron não é uma bolinha que gira em torno do núcleo atômico. Em minha opinião, jamais será possível conhecer uma partícula atômica em seu estado natural, pois para examiná-la seria necessário injetar e retirar alguma energia da partícula, mas o menor quantum de energia injetado ou retirado muda o seu estado. Desconhecendo-se partículas atômicas em seu estado natural, desconhece-se o que é um átomo também em seu estado natural e, portanto, o que seria a matéria no nível atômico.

Como cosmovisão espiritualista, a antroposofia parte de pressupostos não físicos, que não podem ser comprovados por meios reconhecidos pela ciência materialista. Assim, não cabem pedidos para que ela comprove fisicamente seus pressupostos. No entanto, suas concepções, por exemplo da parte suprassensorial do ser humano, podem ter consequências físicas detectáveis. Para ela o pensamento não é físico, mas como envolve o cérebro, este mostra uma atividade que pode ser comprovada fisicamente. Note-se que não se

sabe cientificamente como o pensamento é gerado. Essas considerações valem também para as sensações, sentimentos e impulsos de vontade.

Rudolf Steiner (1861-1925), o fundador da antroposofia, cursou a Escola Politécnica de Viena e fez um doutorado em filosofia na Universidade de Rostock. iniciou sua carreira pública escrevendo e falando sobre temas filosóficos. Até o fim do séc. XIX ele era considerado um jovem gênio intelectual, tendo por isso sido convidado a editar a obra científica de Goethe, para o que a partir de 1889 trabalhou 7 anos no arquivo Goethe-Schiller na cidade de Weimar. Dessa época, recomendo fortemente a leitura de seu livro *A filosofia da liberdade* (1893) edição de 2023 da Editora Antroposófica, da qual fiz parte como cotejador. Excelentes palestras sobre todo o livro encontram-se em

www.fidali.net.br

No livro *Deixando a escada para trás – as bases filosóficas da Pedagogia Waldorf*, do professor da Universidade de Michigan em Ann Arbor, Frederick Amrine (São Paulo: Ed. Antroposófica, 2023), com minha tradução, há um interessante capítulo com os excertos essenciais de *A filosofia da liberdade*.

No início do séc. XX Steiner deu uma guinada em sua vida e começou a dar palestras e a escrever livros sobre suas experiências espirituais, que ocorriam desde sua juventude, e não eram mediúnicas, mas feitas em plena consciência. Em seus livros e palestras ele as transmitiu conceitualmente, para a compreensão, e não para os sentimentos como é costume nas religiões e correntes místicas. Foram publicados cerca de 40 livros com seus escritos e mais cerca de 310 volumes com transcrições de suas 6.000 palestras, que tinham sido estenografadas. Essa obra tem traduções do alemão para várias línguas, muitas em português, e ainda muitas mais disponíveis em inglês no [Rudolf Steiner Archive](#). Por essa obra, constata-se que a antroposofia é de uma amplitude fenomenal, totalmente coerente, não contradiz nenhum fato científico conhecido (pode contradizer alguns julgamentos científicos atuais) e conta com inúmeras aplicações práticas de sucesso, além de um enriquecimento de várias áreas de estudo, como por exemplo a antropologia, a história e a filosofia. Em minha opinião, pela sua enorme cultura e contribuições Steiner foi um verdadeiro sábio. Acrescente-se também que houve publicação de centenas de livros de seus continuadores nas mais variadas áreas do conhecimento e da prática.

Ao contrário de várias correntes religiosas e místicas, o ponto de partida da antroposofia é um conhecimento detalhado sobre a organização humana suprassensorial, como nunca houve antes. É importante salientar que a antroposofia não é nem uma religião, nem uma corrente mística, nem uma seita, e não contém nada de secreto. Qualquer pessoa pode tornar-se membro da Sociedade Antroposófica no Brasil, com sede no Espaço Cultural Rudolf Steiner, em São Paulo, ou na Sociedade Antroposófica Geral, com sede no edifício Goetheanum, em Dornach, na Suíça.

A aplicação da antroposofia mais popular no mundo todo é a Pedagogia Waldorf. Para uma introdução a ela, recomendo o livro *Pedagogia Waldorf –*

caminho para um ensino mais humano”, do Dr. Rudolf Lanz, também da Ed. Antroposófica, com um apêndice meu sobre meios eletrônicos e educação. Curiosamente, atualmente o Brasil é o país em que a Pedagogia Waldorf mais cresce no mundo, em número de escolas, podendo chegar a 300, tendo ultrapassado a China nesse quesito.

Recomendo fortemente que se visite uma escola Waldorf. Se a pessoa mora em São Paulo há várias, sendo a mais antiga e maior do Brasil, a Escola Waldorf Rudolf Steiner, fundada em 1956, a única neste país com classes duplas durante seus 12 anos de escolaridade. O seguinte artigo, sobre mitos comuns sobre a Pedagogia Waldorf, mostra o que 100 ex-alunos dessa escola relataram para a entrevistadora:

<https://antigo.sab.org.br/pedag-wal/artigos/mitos.htm>

É interessante que na época em que foi feito esse levantamento, ainda não havia uma preocupação com o racismo e a discriminação em geral como hoje. Essa preocupação deve-se, em minha opinião, ao desenvolvimento recente dos impulsos concernentes aos direitos humanos; há, digamos, 30 anos, não havia calçadas rebaixadas para que os cadeirantes pudessem se locomover ou placas nos elevadores mencionando leis contra a discriminação. Assim, naquele levantamento não houve uma pergunta se a escola foi racista ou discriminadora, o que teria certamente sido negado pelos entrevistados. Como se pode constatar ao se visitar uma escola Waldorf, certamente não se encontrará nenhum indício de racismo ou discriminação nela, pelo contrário, os alunos, na idade adequada, são educados para não terem essas atitudes, e para amar a natureza e todos os seres humanos.

A Pedagogia Waldorf é uma aplicação direta da antroposofia, que idealmente é usada como base por todos os professores, mas não é ensinada aos alunos, pois Steiner afirmou que era necessário ter bastante maturidade para encará-la adequada e livremente. A Pedagogia Waldorf não pode ter qualquer indício de racismo pois Steiner jamais foi racista. Pelo contrário, várias vezes ele afirmou que hoje em dia as raças perderam o sentido, e qualquer aplicação da noção de raça é uma volta indevida ao passado.

Preciso entrar em detalhe para mostrar que a acusação de racismo por parte de Rudolf Steiner é totalmente absurda. Ele especificou a natureza suprasensível do ser humano, dividindo-a em 3 membros principais. O mais elevado deles, que é único nos seres humanos (os outros estão presentes nos animais, o que lhes dá a vida e as sensações, por exemplo), é o que vou chamar aqui de “identidade superior”. Quando uma pessoa fala “eu” não está se referindo apenas ao seu aspecto físico, ao seu temperamento, aos seus gostos, à sua memória. Dizendo “eu” ela se refere também a algo muito mais elevado; Steiner observa que “eu” só pode ser empregado por uma pessoa quando ela se refere a si própria, e a nada fora dela mesma, como qualquer um pode constatar pela própria linguagem.

Pois bem, segundo Steiner, essa identidade superior, esse “eu”, é o que a humanidade deve desenvolver, e o seu desenvolvimento é moral. Ocorre que, segundo Steiner, essa identidade – atenção – não tem sexo, preferência de

gênero, nacionalidade, religião, etnia (e nenhuma outra característica ligada ao corpo físico), nem preferência política. Todas essas características são devidas a membros da entidade humana "inferiores" à identidade superior. Como esta não tem etnia, como se poderia atribuir racismo a Steiner? Pelo contrário, os seus extraordinários humanismo e pacifismo, que podem ser intuídos em todas as suas obras, não contêm nada de racismo.

Em uma pesquisa feita na Holanda, foram encontrados 16 trechos da obra de Steiner que hoje poderiam ser considerados racistas. Ora, se tomarmos esses trechos como frases, um cálculo rápido mostra que nos 350 volumes de suas obras deve haver muito mais do que 100.000 frases, portanto as 16 são totalmente desprezíveis. Quem se prende a elas não emprega o contexto global de toda a obra de Steiner, esquece que naquela época – 1º quarto do séc. XX – era comum empregarem-se termos que hoje seriam considerados racistas ou discriminatórios, que pode ter havido erros e lacunas na estenografia das palestras (cuja publicação não foi revista pelo autor), ou que talvez Steiner estava sendo irônico.

Recomendo a leitura de um excelente e detalhado texto, com muitas referências bibliográficas, mostrando que Rudolf Steiner não foi e a antroposofia não é racista, editado pela diretoria da Sociedade Antroposófica Geral, na Suíça:

www.sab.org.br/antroposofia/textos-e-v%C3%ADdeos/artigos/a-antroposofia-e-o-racismo

Finalmente, sobre o assunto do racismo, é preciso considerar que uma pessoa pode ser simpatizante ou praticante da antroposofia e, no entanto, expressar e assumir atitudes racistas ou discriminatórias. É fundamental reconhecer que essa pessoa não estaria em absoluto falando em nome de Rudolf Steiner ou da antroposofia, e sim em seu próprio nome.

Quanto ao machismo, não lembro de ter lido algo nesse sentido no artigo do Orsi ou no livro. Basta talvez mencionar que Steiner reformulou a Sociedade Antroposófica em 1923, tornando-se presidente dela (antes ele era apenas um conferencista), e nomeando uma diretoria que – atenção para a data – continha tantas mulheres como homens. Seu único livro em co-autoria foi com a médica Ita Wegman. No citado livro *A filosofia da liberdade* Steiner menciona que a questão feminina deve ser tratada primordialmente pelas mulheres, e não pelos homens. Talvez fosse interessante mencionar que ele afirmou que um dos membros supressensoriais dos homens é predominantemente feminino, e o das mulheres é masculino, o que também é mencionado por Jung (ânima e animus). Desde a primeira escola Waldorf instituída inicialmente para filhos de trabalhadores da fábrica Waldorf-Astoria em Stuttgart, na Alemanha, em 1919, as classes nessas escolas são mistas, o que era excepcional naquela época.

Quero ainda mencionar que no artigo citado acima, Orsi declarou que Steiner era genocida, uma afirmação que provavelmente jamais foi usada por algum de seus detratores. Isso porque Steiner afirmou que os povos originários das Américas estavam destinados a desaparecer. Ora, sabemos muito bem que

nossos índios, quando têm contato com a nossa “civilização” tendem a absorvê-la, perdendo em grande parte, senão totalmente, sua cultura. Dificilmente eles mantêm a sua própria, a não ser se isolando totalmente. Isso se passa em todos os povos originários. Steiner jamais se referiu ao fato de que os povos originários deveriam ser eliminados, em uma ação genocida, como interpretado por Orsi. Em particular, essa declaração de ser genocida vai totalmente contra o profundo humanismo e pacifismo de Steiner. Por exemplo, ele declarou que não há mais lugar para guerras no mundo moderno; todos os conflitos deveriam ser resolvidos por negociações – algo muito atual!

Finalmente, uma palavra sobre a acusação da Natália e do Orsi de que a antroposofia seria uma pseudociência. Na verdade, ela nunca se equiparou ao que se entende por ciência (aqui denominada de ciência natural), pois é uma ampliação desta última, já que, como já foi dito, aceita e não contradiz todos os fatos científicos. Mas aborda aspectos que a ciência é incapaz de abordar por esta última se restringir exclusivamente aos aspectos físicos da natureza e do ser humano. Steiner chamou a antroposofia de “ciência espiritual” pois, como a ciência natural, ela expõe tudo sob a forma de conceitos, dirigindo-se à compreensão. Ele foi capaz de pesquisar conscientemente o mundo espiritual e descrever conceitualmente suas observações; esse tipo de descrição é uma característica da ciência natural. Ele deu um método para que qualquer pessoa possa desenvolver os órgãos “ocultos” de percepção espiritual. No entanto, essa percepção difere da ciência natural, pois deve ser feita em introspecção por cada pessoa. Isso não é de estranhar: a ciência exige reprodutibilidade dos experimentos; o ser humano não é reprodutível nesse sentido, pois está sempre incorporando todas as suas vivências. Por exemplo, a pessoa que ler este texto não será exatamente a mesma depois de o ter lido.

Como a ciência natural, a antroposofia tem várias aplicações práticas de sucesso. No caso, na pedagogia, na medicina e em terapias (várias desenvolvidas depois de Steiner), na agricultura, na organização empresarial e social, na arquitetura e nas artes, e até mesmo em pesquisas científicas expandindo fisicamente o método da ciência natural. Uma área de aplicação que foi desenvolvida em grande parte no Brasil foi o aconselhamento biográfico. Há algumas contribuições tecnológicas da antroposofia. Um exemplo são as denominadas *flowforms*; note-se no vídeo a seguir a preocupação com processos de vida, uma preocupação tipicamente antroposófica:

www.youtube.com/watch?v=x-j793m9Fc8

Talvez vale a pena citar algo sobre a medicina antroposófica, já que foi mencionada por Sponchiato em sua frase “práticas como constelação familiar e antroposofia, oferecidas pelo SUS, vão na contramão da psicologia e da medicina baseadas em evidência”. Um médico antroposófico, que tem a formação clássica e uma especialização posterior, encara seu paciente de uma maneira global, isto é, levando em conta vários aspectos da vida da pessoa, além de sintomas e análises clínicas. Além disso, muitas vezes são receitadas

também terapias antroposóficas. Com isso, o tratamento antroposófico é altamente individual e, portanto, não está sujeito a análises estatísticas, por exemplo do resultado do emprego de um determinado medicamento antroposófico. Esse tratamento individual elimina totalmente a prática de se fazer análises tipo “duplo cego”, isto é, quando nem os pesquisadores nem os pacientes sabem quem está tomando um medicamento ou um placebo. O tratamento individual da medicina antroposófica vai, de fato, na contramão da medicina baseada em evidência estatística. No entanto é importante lembrar que uma estatística não diz nada sobre o que ocorre com um indivíduo. As dezenas, centenas de milhares de pacientes tratados satisfatoriamente com a medicina antroposófica é que deveriam ser consultados.

Foi empregada a expressão “órgãos ocultos”. Não se deve estranhar essa expressão, pois para a ciência natural o pensar, o sentir e o querer são grandes incógnitas. Não se sabe qual é a origem dessas atividades mentais. Por exemplo, se uma pessoa come uma jabuticaba, sente o gosto dessa fruta. Como uma pessoa tem a sensação de um gosto do que ela está comendo é algo completamente desconhecido da ciência natural. Sensações, como a do gosto, são totalmente individuais e subjetivas. É impossível uma pessoa que já comeu jabuticabas descrever o gosto delas para uma pessoa que jamais as comeu. Sensações, assim como pensamentos e impulsos de vontade, são “ocultos”. Eles são analisados profundamente na antroposofia.

Finalmente, se alguém se interessar em conhecer as bases da antroposofia, recomendo o livro do Dr. Rudolf Lanz, *Noções básicas de antroposofia*, da Ed. Antroposófica, também disponível na íntegra em

www.sab.org.br/antroposofia/introdu%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-antroposofia/no%C3%A7%C3%B5es-b%C3%A1sicas-de-antroposofia

e meu texto

www.sab.org.br/antroposofia/textos-e-v%C3%ADdeos/artigos/o-que-%C3%A9-antroposofia

bem como

A descoberta de um gênio: Rudolf Steiner aos 160 anos. Trad. V.W. Setzer. (Aracaju: Instituto Micael, 2023.)

Agradecimentos

Agradeço à minha esposa Sonia A.L. Setzer por uma revisão da redação, bem como a Rogério Y. Santos, Vitor Morgensztern e Rogério Calia por valiosas sugestões.